

Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes

PEDRO BARREIROS *

RESUMO: Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes conheceram-se em Macau em 1894, pertencendo ao primeiro grupo de professores no Liceu. Ambos determinaram o seu exílio voluntário no Oriente na sequência de desgostos de Amor. Em Macau passaram a viver com mulheres chinesas de que tiveram filhos que registaram com os seus apelidos. Ao morrer a sua primeira mulher, Pessanha substituiu-a pela filha; no Japão, ao enviuar de O Yoné, Moraes escolheu para companhia uma sobrinha desta, quarenta anos mais nova do que ele. Tirando quatro vindas a Portugal por motivos de saúde, Pessanha passou o resto da vida em Macau, onde morreu em 1926. Wenceslau rumou em 1899 para o Japão onde viveu mais do que trinta anos, até à sua morte em 1929, em Tokushima. Foram profundos conhecedores dos povos e culturas que encontraram.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Wenceslau de Moraes; Exílios voluntários

Camilo Pessanha chegou a Macau em 12 de Maio de 1894; tinha então vinte e seis anos e era licenciado em direito pela Universidade de Coimbra, sua terra Natal. Tinha acompanhado o pai em criança e adolescente pelas diversas localidades para onde este ia como magistrado e, depois de terminar o seu curso, foi colocado em Lamego e a seguir em Óbidos onde trabalhou com João Baptista de Castro, pai de Alberto Osório de Castro e Ana de Castro Osório. Em 1893 recebeu uma resposta negativa a uma proposta de casamento que fez a Ana, que a justificou por já estar comprometida, e que inspirou provavelmente o poema fortemente autobiográfico (sobretudo na versão publicada na 1ª edição da *Clepsydra*) e a sua decisão de partir para longe:

*Nasceu em Macau em 1943. É médico e dedicou-se à pintura desde cedo. Fez o primeiro retrato de Camilo Pessanha aos dezasseis anos. Apresentou em Macau uma coleção de quadros a óleo na comemoração dos 70 anos da *Clepsydra* (1990) e em 1995, a Gradiva editou o livro sobre *As Elegias Chinesas* (tradução de oito poemas Ming por Camilo Pessanha) com ilustrações suas. Em 2004 foi o comissário das Comemorações do 150º aniversário de Wenceslau de Moraes.

Was born in Macao in 1943. He is a medical doctor and was still very young when he began to paint. He drew his first portrait of Camilo Pessanha when he was sixteen years old. He presented in Macao a collection of oil paintings during the commemorations of the 70th anniversary of the Clepsydra (1990), and in 1995, the portuguese editor Gradiva published the book As Elegias Chinesas (translations of eight Ming poems by Camilo Pessanha) illustrated by him. In 2004 he was the commissioner for the Commemorations of the 150th anniversary of Wenceslau de Moraes.

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei-de prender na volta do mar.
Ao meu coração um peso de ferro...
Lança-lo ao mar.

Quem vai embarcar, que vai degredado
As penas do amor não queira levar...
Marujos, erguei o cofre pesado,
Lança-o ao mar.

E hei-de mercar um fecho de prata.
O meu coração é o cofre selado.
A sete chaves tem dentro uma carta...
A última de antes do teu noivado.

A sete chaves, a carta encantada!
E um lenço bordado... Esse hei de o levar.
Cartinha encantada
Que é para o molhar na água salgada
No dia que enfim deixar de chorar.¹

CANÇÃO DA PARTIDA

Ao meu coração
Um peso de ferro
Eu hei-de prender na volta do mar ...
Ao meu coração
Um peso de ferro ...
Lança-lo ao mar.
Quem vai degredado,
Quem vai embarcar,
As penas do amor
Não queira levar ...
Marujos, erguei
O cofre pesado,
Lançaí-o ao mar.

Um fecho de prata,
Quisera-o mercar ...
O meu coração,
Depois de fechado,
Quisera-o selar.
Tem dentro uma carta,
Não posso esquecer-la,
Sepulto-o no mar.

E um lenço bordado,
Que eu hei-de levar.
Cartinha encantada
Repousa no mar.
Porém o lencinho
A água salgada
Que o há-de molhar
É só do meu pranto
Não é a do mar.²





Camilo Pessanha com Wenceslau de Moraes e o letreiro que lhe ensinava chinês, no Hotel Hing-Kee / Coleção Pedro Barreiros

Em 18 de Dezembro de 1893 foi nomeado para o cargo de professor de filosofia elementar do recém-constituído Liceu de Macau, terra para onde embarcou em 19 de Fevereiro do ano seguinte, no navio espanhol “*Santo Domingo*”.

Nesse primeiro grupo de professores figura também Wenceslau de Moraes.

Foi portanto em Maio de 1894 que os dois se conheceram e entre os dois se começou a formar o que veio a ser uma sólida amizade.

Wenceslau era treze anos mais velho: nascera em Lisboa a 30 de Maio de 1854 e tinha chegado a Macau cinco anos antes, em 7 de Junho de 1888 já oficial de Marinha com o posto de capitão de fragata, vice comandante do porto de Macau depois de uma já longa história de viagem, conhecendo as quatro partes do Mundo, com muito mar, muitas cidades e muita experiência de gente, de conversas, de paz, e de acções

de combate.

Em Janeiro de 1886, estando em missão em Moçambique, obteve licença para ir a Portugal por motivos de saúde e encontra-se com o seu amor de adolescência Maria Isabel dos Santos, vizinha do 1º andar da casa em que vivia com a mãe e as irmãs na travessa da Cruz do Torel. Maria Isabel, mais velha oito anos que Wenceslau, era casada, e o marido era portador de uma doença neurológica incurável. O encontro que se seguiu a esse regresso de África foi insuportável para o então primeiro-tenente Moraes: ao que parece Maria Isabel tinha-o trocado por outro, um homem com que veio a casar mais tarde, depois de morto o marido ³.

Em Março de 1888 Wenceslau partiu para Macau a bordo do navio de transporte “*Índia*”. Em 15 de Agosto de 1888 Maria Isabel escreveu-lhe a última carta. Em 23 de Novembro de 1888, Wenceslau lamenta à irmã Emília o seguinte: “*Todos os Moraes têm não sei*

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

quê que pende para os fazer infelizes e aos outros também. Eu, ao menos, vivo isolado, longe, e coso comigo os meus desgostos, sem incomodar ninguém”.

Wenceslau voltou a Lisboa como comandante do navio “Tejo” na derradeira viagem deste “*chaveco já podre de madeiras, com as caldeiras ferrugentas...*”; e provou aqui o seu saber de marinheiro: ficando o barco sem motor a mais de metade da distância, trouxe-o à vela nesse longo percurso. Mal terminou esta missão, requereu o regresso a Macau, sendo nomeado vice comandante da Capitania do Porto em 26 de Outubro de 1891.

Entretanto, antes da viagem do “Tejo”, conheceu uma “*half cast*” (filha de mãe chinesa e de pai dinamarquês), de nome Von Ioc Chan, mais comumente tratada pelo diminutivo Atchan, de 15 anos com quem passou a viver em 1889 e de quem teve o primeiro filho em 1 de Março de 1891.

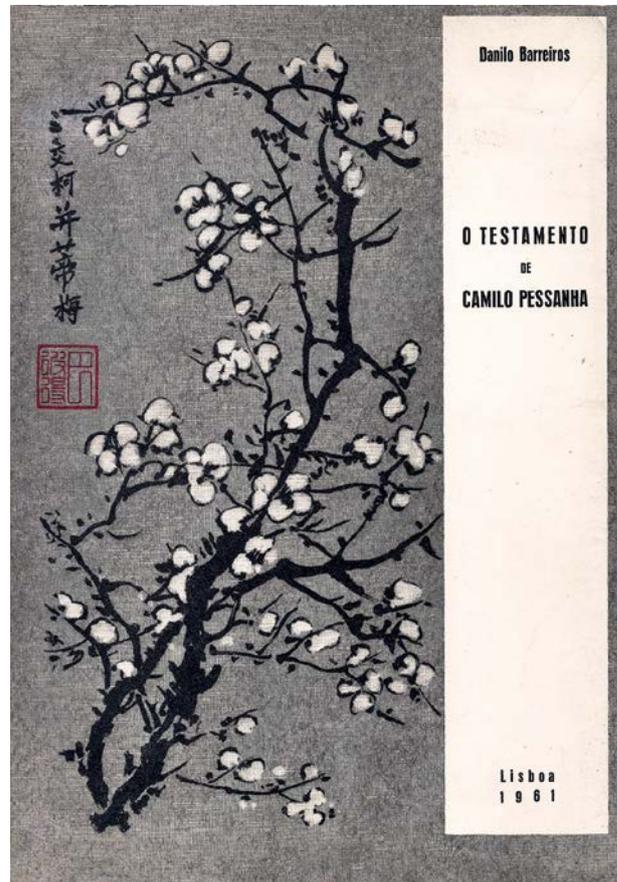
Nas páginas da crónica “*A outra maman*” Wenceslau realça de Atchan as mãos “*pequeninas, transparentes de jaspe, admiravelmente gentis*” e o “*negro fulgor dos seus olhos oblíquos*”. Atchan foi também importante para a entrada de Wenceslau na cultura chinesa pois lia, escrevia e interpretava com facilidade histórias do folclore chinês que o escritor aproveitava para os seus trabalhos literários, como é o caso do texto “*As Borboletas*”, que veio a ser o primeiro do seu livro “*Paisagens da China e do Japão*”.

Para além do que terá aprendido com Atchan, não existe qualquer referência em relação a ter tido outra forma de aprendizagem mais formal da língua chinesa, como foi o caso de Camilo Pessanha. Na fotobiografia de Wenceslau de Moraes (Fundação Oriente, Lisboa-1993), Daniel Pires mostra na página 99 uma folha de um manual para aprender chinês que pertenceu ao escritor e que existe na Biblioteca Central de Macau.

Em relação ao respeito do povo chinês pela língua escrita, Wenceslau diz com admiração numa das suas cartas de Macau (em que os seus vizinhos eram “*chinas graças a Deus*”):

“O povo chinês que é o mais amigo das letras do mundo inteiro, nunca destrói ou lança no barril do lixo, ou emprega em cestos sujos, quaisquer pedaços de papel que tenha palavras escritas; isto pelo respeito que consagra à arte de escrever”.

Em Macau, Camilo Pessanha ficou inicialmente instalado na Hospedaria Hing Ki, em plena Avenida



da Praia Grande, e começou de imediato a estudar a língua chinesa, de que chegou a compreender mais de três mil e quinhentos caracteres.

Numa conferência sobre a literatura chinesa, Pessanha insiste no prazer espiritual que lhe proporciona o estudo da língua chinesa literária e a “*absoluta originalidade*” desta literatura, o grande “*poder de evocação visual*”, “*o intrínseco valor estético*” dos caracteres e, finalmente, “*a euritmia musical da frase escrita*”- descobertas que decerto influenciaram a sua maneira de escrever. Num pequeno texto de 1955 sobre poesia simbolista Urbano Tavares Rodrigues encontra uma afinidade espiritual entre Pessanha e Mallarmé realçando o interesse de ambos pelas “*virtualidades plásticas da língua*”.

A propósito da capacidade e da qualidade de Camilo Pessanha como tradutor de chinês no catálogo da exposição “*The Chinese Painter as Poet*” (Jonathan Chaves – China Institute Gallery- China Institute – New York 2000) pode-se ler o seguinte:

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

Most remarkably, in 1914 Pessanha published in O Progresso, a Portuguese language journal in Macao, his Elegias Chinesas, consisting of eight poems by poets of the Ming dynasty: Wang Yangming (1472-1529), the great Neo-Confucian philosopher; Wang Ting-Xiang (147-1544); Xu Zhengqing (1479-1511); Bian Gong (1476-1532); and Li Mengyang (1473-1529). Aside from Wang Yangming, these are members of the Former and Latter Seven Masters, the fourteen “orthodox” masters of Ming-dynasty literature. The translations are accompanied by extensive notes in Portuguese. Pessanha acknowledges the help of the “sinologist, José Vicente Jorge”. But most of the credit for these pioneering translations must go to Pessanha himself.

Segundo Danilo Barreiros, Pessanha, já estabelecido como advogado, comprou a um corretor

que trabalhava no seu escritório, a concubina Lei Ngoi Long, com quem passou a viver, trazendo a bela chinesa consigo uma filha ainda criança de nome Kuoc Ngan Ieng (Águia de Prata).

Esta sequência: amor contrariado – partida para Macau – ligação a uma jovem asiática local foi assim comum entre Pessanha e Moraes.

A esse ponto em comum juntava-se a escrita, a cultura, o interesse pela civilização chinesa e, obviamente a ocupação de ambos como professores do liceu de Macau.

No mesmo grupo de professores que inauguraram o Liceu de Macau figurava ainda João Pereira Vasco, jovem olhanense que chegou a Macau em 10 de Abril de 1894, um mês antes de Camilo Pessanha,

Com João Pereira Vasco / Coleção Pedro Barreiros



TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

estabelecendo-se seguidamente entre os dois, e com Wenceslau de Moraes, amistosas relações por afinidades intelectuais e de reacção idênticas àquele meio social apodrecido pela desonestidade desenfreada dos que da metrópole para ali iam para “governar” e, especialmente, para “se governarem”... (salvo honrosas mas raras excepções).

Wenceslau de Moraes, Camilo Pessanha e João Vasco foram alvo em Macau de injustiças, perseguições e desilusões porque a sua integridade de carácter, não se coadunava com o clima local.

Em Macau, João Pereira Vasco foi director do semanário Lusitano, que viu setenta números publicados entre 28 de Agosto de 1898 e Dezembro de 1899 e em que figuraram trabalhos seus e dos seus dois colegas e amigos. Para conseguir que alguns desses textos fossem impressos, teve que ultrapassar algumas resistências, pois, embora o periódico se auto proclamasse independente, era politicamente dominado pelo governador Tamagnini Barbosa.

O convívio diário entre Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes foi certamente rico intelectual e culturalmente com uma certa dose de cumplicidade reactiva à hostilidade de algumas mentalidades conservadoras da colónia e durou cerca de quatro anos, entrecortados pela ausência de Pessanha entre 22 de Julho de 1896 e 6 de Abril de 1897, datas entre as quais o poeta se deslocou a Portugal para tratamento. São conhecidas duas fotografias de ambos em Hong Kong, provavelmente durante o ano de 1895.

Em Junho de 1889, Wenceslau de Moraes fez a sua primeira viagem ao Japão visitando Nagasaki, Kobe e Yokoama e ficando definitivamente encantado com a paisagem e a alma japonesas.

Nas “*Saudades do Japão*” (crónica do seu primeiro livro publicado, “*Traços do Extremo Oriente*” – Parceria António Maria Pereira – Lisboa, 1895) escreveu sobre este primeiro encontro:

Há mais de quatro anos levou-me o destino a terras do Japão. Foram as montanhas e as verdes ilhas que avizinham a adorável baía de Nagasaki que primeiro se recortaram no horizonte. (...) Pouco mais foi do que um deslumbramento a impressão colhida daquela rápida derrota. Caprichos de cenário como ninguém os imagina, no verde constante da paisagem, paramentada de sucessivas moitas de arvoredo, de morros extravagantes, de cascatas que rugem, de ribeiras



Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes em Hong Kong / Coleção Pedro Barreiros

que murmuram, de campinas viçosas; um palpar portentoso de vida, na flor, no insecto, em tudo, no seu povo de homens cortesões e de mulheres gentis; um pequeno Carnaval de usos exóticos; uma indústria de maravilhas ...

E, logo no parágrafo seguinte, faz o contraste com a China (nessa viagem Wenceslau tinha feito escala em Hong-Kong, Amoy, Fuchau, Shangai, Ta-Ku, Tientsin e Chifu).

“(...) à monotonia das suas decorações, à aridez das suas costas, à imundície dos seus povoados,

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

onde chafurda um cardume de gente feia por excelência, hostil ao europeu por excelência, que constitui o que Loti chamou ...o inferno amarelo.”

Na sua introdução ao *“Esboço Crítico da Civilização Chinesa”* da autoria do Dr. Moraes Palha, Pessanha refere que, em 1894, a guerra sino-japonesa teria vindo retirar o perigo amarelo definitivamente de moda, deixando a China naquele tempo de transição entre dois séculos, num dos períodos de decadência mais profundos da sua história, e cita uma crónica de Wenceslau de Moraes publicada num jornal de Macau, em que este escreve: *“o ementário das calamidades tremendas que ao tempo se haviam precipitado sobre a envilecida nação chinesa”*:

“O Japão oferecia a China ao escárnio do Mundo, na misérrima condição da sua plebe e na opulenta infâmia dos seus nobres, desprestigiada e indefesa à cobiça das gentes, aos homens loiros da Europa, que não tardariam a espezinhá-la.”

O encantamento de Wenceslau pelo Japão não foi no entanto a única razão que o levou a mover todas as influências para ser nomeado diplomata naquele país. Em Fevereiro de 1894 tinha sido exonerado do cargo de delegado do superintendente da fiscalização do ópio, cargo para o qual tinha sido nomeado em Dezembro de 1891; mas, a gota de água que lhe tornou insuportável a estadia em Macau, foi a entrega em Maio de 1897 da Capitania do Porto de Macau ao Capitão-Tenente António Talone da Costa e Silva, inferior hierárquico do Capitão de Fragata e imediato da Capitania de Macau Wenceslau de Moraes.

Em Junho de 1898 é exonerado do cargo na Capitania de Macau e em Dezembro do mesmo ano começa a montar o Consulado em Kobe, de que toma posse como Cônsul interino (em Kobe e Osaka) em 1899.

Camilo Pessanha não conheceu o Japão e não teve pois outra alternativa oriental que não Macau.

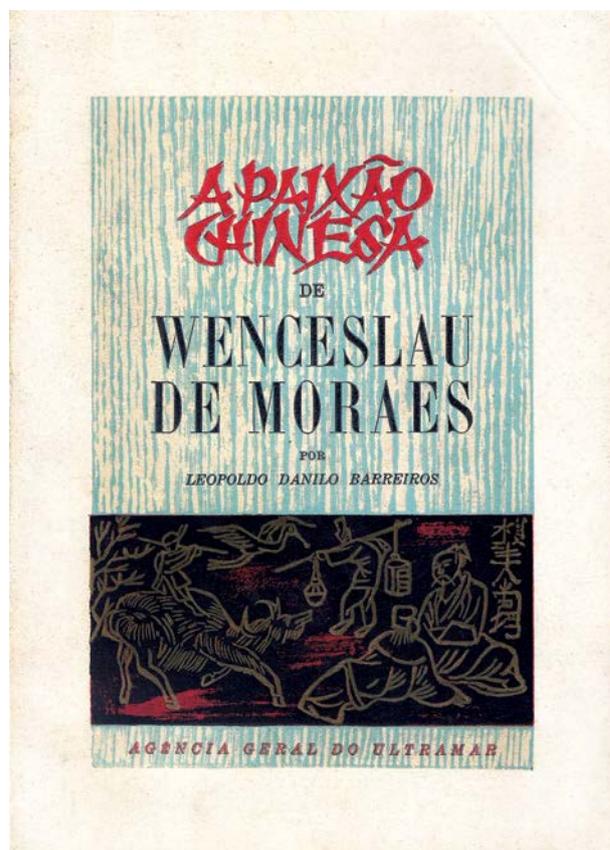
Voltou a Portugal quatro vezes, em 1896, 1899, 1905 e 1915, tendo passado alguns anos, sobretudo em Braga, durante a terceira estadia. O sortilégio pela cultura chinesa, nomeadamente pela arte, de que se tornou colecionador, e a poesia, fê-lo sempre regressar a Macau, recusando uma colocação em Moçambique.

A propósito dos seus conhecimentos da cultura chinesa volto a citar Jonathan Chaves (Chairman do Departamento de Línguas e Literaturas da Ásia Oriental

da Universidade George Washington) que no seu referido catálogo da exposição *“The Chinese Painter as Poet”* escreveu:

“While in Macao, Pessanha studied Chinese literature and art quite seriously, and must have become fairly competent in Chinese, both vernacular and classical. He published in 1910 an extraordinary essay on Chinese aesthetics, *Sobre a Estética Chinesa*, in which he praised Chinese art from a number of points of view. This was followed in 1912 by a lengthy Introduction to a Study on Chinese Civilization, which was a preface for a book by a scholar named J. António Filipe de Moraes Palha, and in 1915 by an essay on Chinese literature. This must be considered among the earliest appreciation of Chinese culture of such sophistication in a Western language.”

Durante a permanência de ambos em Macau, Camilo Pessanha dedicou a Wenceslau o poema *“Viola Chinesa”* em Julho de 1898, e este último retribuiu-lhe



TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

com a dedicatória da crónica “*A Primavera*” publicada em 24 de Setembro de 1899 no jornal “*Tribuna*” (Lisboa) que já tinha sido publicado em Macau no semanário “*O Lusitano*” dirigido por João Pereira Vasco, amigo e colega de ambos.

Já no Japão em 1900 Wenceslau dedica a crónica “*A Caricatura no Japão*” aos seus dois colegas e amigos João Vasco e Camilo Pessanha. Esta crónica veio a fazer parte do livro “*Paisagens da China e do Japão*”, que depois de muitas dificuldades e mal entendidos só veio a ser publicado em 1906 e que contem a comovente dedicatória:

“Nos baldões da vida boémia, na confusa sucessão dos dias e das cenas, acontece que os factos, as coisas, os indivíduos, invocados pela pobre memória exausta, vão perdendo pouco a pouco as suas qualidades intensivas, as suas cores, os seus contornos, a sua feição própria, emancipando-se do real, como uma página de aguarela desmerece, solta e perdida no espaço e voando com as brisas; diluindo-se por fim n’uma emoção genérica, vaga, indefinível, - a saudade. - A estas duas grandes saudades Camilo Pessanha e João Vasco, dedico hoje este livro.”

(esta dedicatória foi escrita em 10 de Abril de 1901, cinco anos antes da publicação do livro).

O afastamento entre os dois, resultante da ida de Wenceslau de Moraes para o Japão foi definitivo.

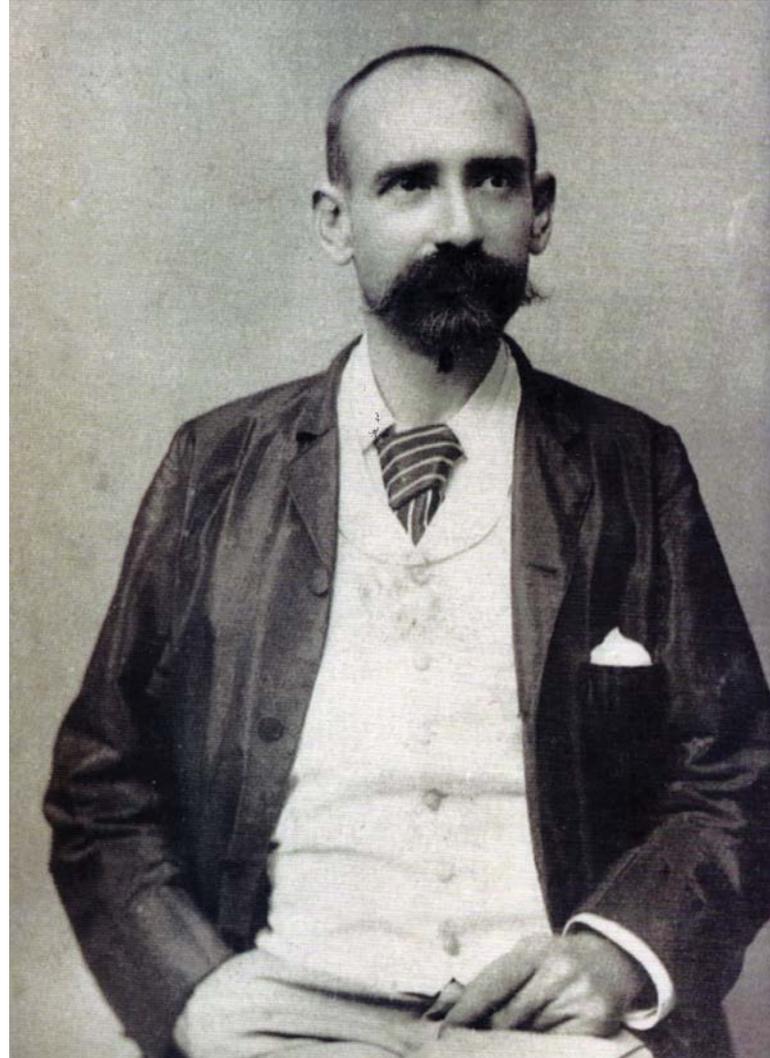
A última visita que Moraes fez a Macau foi no dia dos rapazes de 1900, em que, segundo Danilo Barreiros, levou aos filhos duas carpas em papel, figura com que se celebra aquela festa japonesa.

O dia dos rapazes no Japão é festejado a 5 de Maio. Nessa data do último ano do Século XIX, Pessanha estava em Portugal para onde tinha partido de Hong Kong a 26 de Agosto de 1899, só regressando a Macau em Junho de 1900. Não se devem ter encontrado pois, durante essa derradeira passagem de Wenceslau por Macau.

Ficou apenas a lembrança.

Não conheço correspondência que pudesse ter havido entre os dois.

Na relação dos livros da *Envelhecida Biblioteca “Ameixoeira Luxuriante de Pessanha”*, (conforme tradução do Ex-Libris do poeta, feita em Julho de 1973 por Luís Gonzaga Gomes) legados por testamento à Repartição do Expediente Sínico, que consta na Fotobiografia publicada por Daniel Pires (Instituto



Wenceslau de Moraes em Kobe, 1897

Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, Instituto Português do Oriente – Macau, 2005) figuram os seguintes livros da autoria de Wenceslau de Moraes:

Cartas do Japão – Antes da Guerra (1902-1903)

(Porto, Livraria Magalhães e Moniz, 1904)

O Culto do Chá

(Kobe, edição do autor, 1905)

Paisagens da China e do Japão

(Lisboa, Livraria Tavares Cardoso, 1906)

O Yoné e Ko-Haru

(Porto, Renascença Portuguesa, 1923)

Relance da História do Japão

Porto, Maranus, 1924

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

Pelos livros, a relação e a amizade entre os dois, foi recordada por Pessanha ao longo da vida que se prolongou até 1 de Março de 1926, menos de dois anos depois de lhe ter chegado a última obra do amigo.

Uma das suas últimas referências de Wenceslau de Moraes sobre o poeta, numa carta a um amigo é:

“O Pessanha a que te referes, é na minha opinião muito privada um homem de uma inteligência agudíssima, uma individualidade literária intensamente criativa, possuindo ainda uma memória deslumbrante. Poderia sobressair a todos esses literatos de fundo de escada que abundam em Lisboa.”

Em 2003 ofereci ao Museu Moraes em Tokushima oito cartas escritas por Wenceslau de Moraes a João Pereira Vasco entre 1899 e 1902.

João Vasco visitou Moraes em Kobe no ano de 1899, voltando a Portugal dois anos mais tarde, de licença graciosa.

Na primeira carta Moraes envia

“Um abraço ao Pessanha, mto saudososo.”

Na quarta anuncia o envio de uma encomenda:

“Já seguiram as 4 carteiras (a 1 para o Pessanha); são do seu agrado?”

Na quinta carta escreve:

“Do Pessanha tenho tido vagas informações por outros; creio que está bem, ou antes, como sempre, e continua falando de mim como velho amigo que é.”

E na sexta preocupa-se:

“De Macau pouco sei. O Almeida escreve-me e diz-me que o Pessanha anda agora melhor.”

João Vasco deve ter sido uma espécie de mensageiro entre os dois enquanto permaneceu em Macau.

Sobre os dois, numa carta a Vicente Almeida d’Eça, Wenceslau escreve:

“Aqui muito entre nós, a ideia que faço do Vasco é que ele é um grande boémio, um filho da vida airada, com os defeitos inerentes, e que provavelmente passará toda a existência aos trambolhões. Pouco o frequentei em Macau durante muito tempo, depois ocasionalmente aproximamo-nos, e descobri n’ele uma profunda e desinteressantíssima estima por mim, o que muito me cativou. Com a intimidade, encontrei n’ele também dotes morais muito delicados, que o tornam um excelente moço. A sua predilecção pelos meus livros e o que tem feito para publicar alguns contos excede tudo que eu poderia esperar; por tudo isto, dedico-lhe com muito prazer, a meias com outro boémio (o Dr. Pessanha), o meu 3º livro, (...)” (que

veio a ser publicado em 1906 com o nome *“Paisagens da China e do Japão”*)⁴.

A correspondência entre os dois manteve-se ainda mais alguns anos, até que surgiu um desentendimento relacionado com a publicação de obras de Moraes numa revista de Viana do Castelo, tendo-se o escritor insurgido contra os seus directores de forma muito irritada, o que levou a uma interrupção definitiva da relação epistolar entre os dois amigos.

Esta paragem de relação não apagou no entanto a imagem de João Vasco no espírito de Moraes.

Em 1913, Moraes escreveu numa carta a um amigo:

“... lembro-me dele (João Vasco) com afecto. É o melhor que podemos esperar um do outro e não devemos exigir mais do destino.”

João Vasco faleceu em Viana do Castelo em 23 de Dezembro de 1919, Camillo Pessanha em Macau em 1 de Março de 1926, e Wenceslau de Moraes em Tokushima em 1 de Julho de 1929.

Os nomes de Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes aparecem juntos como co-autores do opúsculo de dezasseis páginas *“Camões das Paragens Orientais”* editado por Petrus em data não mencionada no livro mas posterior à morte de ambos. Nesta publicação há um prólogo de Wenceslau de Moraes *“Camões e Fernão Mendes Pinto”* que tinha sido publicado no jornal *“O Comércio do Porto”* em 5 de Setembro de 1920: segue-se, também de Wenceslau, *“A Gruta de Camões”*, (*“Correio da Manhã”* – 21 de Dezembro de 1891) e, de Camilo Pessanha, *“Macau e a Gruta de Camões”* que tinha sido publicada pela primeira vez no semanário macaense *“A Pátria”* em 7 de Junho de 1924.

Macau prestou homenagem e guardou a memória dos dois:

Foi autorizada em 1981 a emissão de uma nota de quinhentas patacas com a efigie de Moraes e outra, de cem patacas, com a de Pessanha. Estou certo que muitos macaenses conheceram apenas os escritores através deste papel-dinheiro.

Na toponímia de Macau há uma Rua do Camilo Pessanha que termina na Avenida Almeida Ribeiro, mais conhecida em Macau pelo seu nome cantonês: San Ma Lou.

Neste aspecto, tal como na nota, Wenceslau foi mais favorecido, dando o seu nome a uma avenida, uma rua, uma travessa e uma praceta.

Esta diferença foi compensada por Macau, dando

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

a Camilo Pessanha uma estátua da autoria do macaense Carlos Marreiros e um “*grafitti*” preservado e pousado no jardim do consulado de Portugal (no edifício que foi

o Hospital de São Rafael) esculpido por Vhils.

A memória de Pessanha em Macau está ainda na sua campa do cemitério de São Miguel. **RC**

NOTAS

- 1 Da “Clepsidra” Camilo Pessanha – Organização, apresentação e Notas de Paulo Franchetti – Ateliê Editorial – Brasil 2009.
- 2 Na “Poesia de Camilo Pessanha” Edição Crítica de Carlos Morais José e Rui Cascais – Instituto Internacional de Macau, 2004, vem reproduzida uma nova versão escrita pelo poeta já em Macau possivelmente em 1896, em que risca totalmente aquela primeira versão e a substitui por esta em que omite os dois versos com maior pendor autobiográfico.
- 3 in “Os Amores de Wenceslau de Moraes” de Ângelo Pereira e Oldemiro César – 1937 Editorial Labor – Lisboa
- 4 Carta publicada por Jorge Dias na “Correspondência de Wenceslau de Moraes e Vicente Almeida D’Eça, Mensagens de Honshu e de Shikoku” – Instituto Português do Oriente, Macau 1998.

BIBLIOGRAFIA

- Barreiros, Danilo, 1961 - O Testamento de Camilo Pessanha, Edição do Autor, Lisboa.
- Barreiros, Danilo, 1955 – A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes, Agência Geral do Ultramar, Lisboa.
- Chaves, Jonathan, 2000 – The Chinese Painter as Poet, China Institute Gallery, New York.
- Dias, Jorge, 1998 – Mensagens de Honshu e Shikoku, A Correspondência de Wenceslau de Moraes para Vicente Almeida d’Eça, Instituto Português do Oriente, Macau.
- Moraes, Wenceslau, 1923 – Dai Nippon (O Grande Japão), Seara Nova 2ª Edição.
- Morais, Wenceslau, 2014 – Paisagens da China e do Japão, Livros de Bordo, Lisboa.
- Moreas Wenceslau, 1946 – Traços do Extremo Oriente, Livraria Barateira, Lisboa, 2ª Edição.
- Moraes, Wenceslau, 1971 – Cartas ao seu Amigo Polycarpo de Azevedo, escritas em Tokushima entre 1914 e 1927, Edição de Arnaldo Henriques de Oliveira, Lisboa.
- Moraes, Wenceslau, 1944 – Cartas Intimas, Prefácio e anotações de Ângelo Oldemiro César, Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1944.
- Osório, António, - O Amor de Camilo Pessanha, Edições Elo Mafra.
- PESSANHA, Camilo, 2004 – A Poesia de Camilo Pessanha, edição crítica de Carlos Morais José e Rui Cascais, Instituto Internacional de Macau.
- Pessanha, Camilo, 1944 – China (Estudos e Traduções) Agência Geral das Colónias, Lisboa.
- Pessanha, Camilo, 1986 – Caderno Poético, Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau.
- Pessanha, Camilo e MORAES, Wenceslau – Camões nas Paragens Orientais, Porto, Colecção Quinhentista, Petrus.
- Pessanha, Camilo, 1969 – Clepsidra e outros Poemas, Edições Ática, Lisboa.
- Pires, Daniel, 2005 – A Imagem e o Verbo, Fotobiografia de Camilo Pessanha, Instituto Cultural do Governo da RAE, Instituto Português do Oriente, Macau.
- Pires, Daniel, 1993 – Fotobiografia de Wenceslau de Moraes, Fundação Oriente, Lisboa 1993.